

Dramas possíveis

– ficções para tempos sombrios

por

paulo barbeto

INTÉRPRETES:

Uma multidão de indivíduos e indivíduos de porte, estatura, fisionomia, idade, cor, raça, etnia, classe social, nível de escolaridade, sexo, gênero, sexualidade, credo, crença e religião os mais variados possíveis – desde que todos/as brasileiros/as (natos/as ou naturalizados/as).

LOCAL DA AÇÃO:

Palco nu de um teatro vazio localizado em algum lugar do país.

TEMPO DA AÇÃO:

Período pandêmico.

PRÓLOGO

Palco nu.

Um ator adentra o espaço de cena através da porta de acesso que vai dar nos camarins.

Está graciosa e magistralmente trajado de espécie de bobo da corte do teatro isabelino (porém com algumas variações).

Movimenta-se com certa dificuldade, devido ao peso que carrega por todo o seu corpo, o peso do figurino: ombreiras largas; calça pantalone com várias camadas, das mais variadas cores; sapatos de pontas arrebitadas, exageradamente curvadas para o alto e desenhando no ar semicaracóis; chapéu que se divide ao meio, fazendo pender as duas extremidades para baixo, atraídas ao chão pelo peso de dois chocalhinhos dourados, cada um deles preso a uma das pontas.

Sua maquiagem é carregada de branco, preto e vermelho. De seu olho esquerdo, escorre uma única lágrima pintada com purpurina gritante, de um azul muito vívido.

A cortina do palco está fechada.

A luz de cena apagada - vê-se ligada apenas a luz de emergência, a que permite que os atores e atrizes se movimentem nos bastidores com alguma segurança.

A plateia está excessivamente iluminada.

Mas não há um único espectador presente.

O ator caminha até bem próximo à cortina cerrada, cola o seu rosto e todo o corpo nela.

Está localizado muito precisamente no centro da cena, marcado com um X feito com fita crepe e colado ao chão pelo diretor do espetáculo.

Aguarda de pé - ansioso, mas ciente de todos os seus atos, ações e funções -, o toque dos três sinais.

O espetáculo já vai começar.

BALÉ DAS SOMBRAS

Palco nu.

Cortina fechada.

Escuridão total, na cena e na plateia.

Algo que parece ser um ensaio ou coisa do tipo.

Não se vê nem se ouve nada nem ninguém.

Aos poucos uma luz de contra, formada por cinco ou seis ribaltas, vai acendendo no palco, em lenta e quase mórbida resistência.

Começam-se a ver desenhos esparsos, difusos, mal identificados.

São pessoas.

Movimentam-se de maneira confusa, mal ajambrada, um tanto quanto imprecisa.

Oito ou nove corpos (mas que também podem ser dez ou onze, vinte - quem sabe trinta) parecem simular gestos que nos remeteriam a uma espécie de dança ancestral, mítica, arcaica e arcaizante. Conclamam o deus, fazem preces em forma de movimento; orações e ladainhas entoadas em baixíssimo volume, sussurradas ao pé do ouvido de quem por ali eventualmente parasse para assisti-los. Há algo de telúrico na forma como se movimentam, arrastam os pés no chão, lançam as mãos ao alto, agitam os membros inferiores, tocam-se uns aos outros.

Mas a pouco e pouco, esse alguém que porventura ali passasse, caso existisse, seria capaz de acompanhar ligeiras modificações na intensidade e velocidade dos gestos executados pelos atores (bailarinos? performers?) em cena. O elemento telúrico vai paulatinamente alterando sua densidade essencial para se transmutar em algo um tanto menos carregado, mas ainda assim sombrio, denso, penetrante. Um meneio mais suave de coxas de uma das figuras, o respirar ofegante de uma outra e quem sabe o desenvolvimento de um passo específico executado por uma das muitas duplas que aos poucos vão se formando talvez nos fizessem lembrar o gestual típico do ato sexual; de uma preliminar ainda brincante, inconsequente, despreziosa. O gingado das cinturas, o jogo de aproximações e afastamentos, as descidas abruptas ao chão que se sucedem quase que instantaneamente por subidas sustentadas inteiramente na força dos braços: tudo isso nos remeteria, caso estivéssemos ali assistindo, ao repertório de movimentos bastante característico daqueles que descobrem - ou começam a aprender - o modo como se desenvolvem os primeiros acenos de estímulo, os primeiros atos excitatórios, as primeiras emulações da libido. As figuras em dado momento parecem querer gemer - gemer alto, gemer grosso - mas o receio, talvez, de que possam, ou poderiam, estar sendo observadas faz com que reprimam o grito; bloqueiem a emissão de ar; sustentem a guturalidade animalésca. O que era, no entanto, para ser um clímax, o momento-ápice do gozo frenético e coletivo, transforma-se, antes de alcançar o fim, o fim máximo, o fim que todos nós, com alguma frequência (alguns mais, outros menos), aguardamos, transmuta-se uma vez mais, por fim, noutra coisa.

Numa coisa mais leve, desprovida de peso, aérea.

Saltos curtos, mãos e braços que se desenharam escorregadios no ar, discretas piruetas - uma delicadeza ímpar se impõe no ambiente devido aos gestos daqueles corpos.

O que será isso que nos faz querer também voar? Esse sentimento de levidão, de airocidade, de suprema graça que nos é dado alcançar sem que precisemos sequer nos movimentar: apenas ver o outro, acompanhar o voo do outro, ver como ele se liberta das agarras do chão e constrói para si um contorno, um timbre, uma vaporosidade similares às do próprio ar - apenas isto e talvez, para muitos de nós, somente isto, faz com que desejemos, também nós, ganhar o mundo, provar de seu encanto, verter à sua origem. Compreender seus prismas, suas múltiplas faces; tomar parte no cuidado de suas lacerações.

Apenas isto nos fará perceber que aqueles corpos que antes pareciam copular estarão agora, na verdade, brincando. Jogos de armar, piques e pegas, brincadeiras mesmo de crianças. A luz de cena, antes soturna, discreta, ocultadora de mistérios, agora parece nos elucidar um pouco de sua função ali: e banha um mar de fisionomias juvenis, portes magros e altos, quase todos de cor preta; carcaças de meninos e meninas que agora se divertem, lançam petecas, dão cambalhotas, atravessam por debaixo das pernas uns dos outros, saltam sobre carcundas curvadas.

Gritos de “eia”, “ôa”, “péx” enchem o ar de promessas vindouras, de augúrios bons, de canto e de reza. Esperança no futuro, crença em dias que nascem menos mortos do que ontem. Há todo um país pela frente, que aguarda sua própria construção. E há vida aqui. Ânimo, força, disposição, coragem. Na ciranda de roda, no pique-bandeira e no jogo da amarelinha, a incredulidade de que sejamos uma nação má.

Mas o descomedimento leva ao conflito. Ninguém sabe - nem ninguém nunca irá saber - o que exatamente terá nos trazido até aqui: o que desencadeia o combate, a chacina, a guerra. Se terá sido uma briga de facções rivais; uma bola cujo cruzamento ou não de linha fronteira entre times se fará duvidoso; se um sujeito mais dominado pela febre de vitória que a média normal dos indivíduos decidirá enfim impor-se sobre aqueles que considera inferiores, indignos, seus inimigos - fato é que o que era jogo transforma-se em rixa. Peleja, sangramento, desatino, pegapacará. Mãos de “pique tá contigo” precipitadamente metamorfoseadas em socos duros, quebradores de dentes, subtratores de ar quando endereçados à boca do estômago. Pernas de pirueta e saltos de carniça transmutadas em armas de capoeira, desferidoras de chutes e pisoteios. Uma grande batalha campal ocorre agora no palco, sem que ninguém haja para testemunhá-la. É um duelo de titãs, de seres sem lei, de capitães da areia pós-modernos - é a ferocidade viva.

Mas eis que bate o choque e a postura repõe tudo à sua devida ordem: a força policial baixou à cena e mandou DISPERSAR, DISPERSAR! – Meninos e meninas de rua pretos correm agora desbaratados palco afora, camarins adentro, fugindo do sarrafo e do cascudo (ou, quem dirá, no esquentamento dos guardas, do tiro de borracha e da cassetada mais violenta). Cada um pra um lado, desordenados e sem prumo, feito bando de pombos quando criança travessa salta em meio. Espaço de cena limpo, é tempo de organizar o próximo número.

No fim das contas, não passava de um monte de miseráveis que se alimentavam feito bicho de um sem número de pescoços de galinha e ossos de boi deixados por um caminhão, atrás do qual vinham correndo infatigavelmente há cerca de cinco ou seis quarteirões. Porque a fome tem uma saúde de ferro.

JOGO DOS ESPELHOS

Palco nu.

Cortina fechada.

Aqui, haverá um diálogo.

*Em cena, **ELE** e **ELA**. Quando a luz se acende, já estão lá.*

Um de frente para o outro.

Olham-se.

Muito de perto.

Nada fazem.

*Depois de algum tempo, **ELE** estende sua mão direita, como se quisesse tocar **ELA**.*

*Nesse ínterim, **ELA** levantou sua mão esquerda, como se também quisesse tocar **ELE**.*

Nenhum dos dois se toca.

***ELE** abaixa sua mão direita enquanto **ELA** abaixa sua esquerda.*

Olham-se.

***ELE** respira fundo e **ELA** faz o mesmo.*

***ELE** agora levanta todo o seu braço esquerdo, levando a mão até bem perto de seu ombro.*

***ELA**, por sua vez, levanta o braço direito, levando também sua mão até bem perto de seu ombro.*

Ambos tocam seus respectivos ombros.

Observam os próprios gestos.

Ficam felizes por isso.

***ELE** desce seu braço esquerdo enquanto **ELA** desce o direito.*

Olham-se.

Sorriem.

***ELE**, inesperadamente, põe-se a contar de 1 até 10, em voz alta.*

***ELA**, como que antevendo sua ação, adivinhando tudo o que se passa na cabeça de **ELE**, começa a contar também – mas regressivamente, de 10 até 1.*

Terminam juntos.

Olham-se.

Parecem não entender o que se passa.

***ELE** quer - e de fato tenta - beijar **ELA**.*

Mas recebe um tapa no rosto em troca.

***ELA** disse “não”, mas **ELE** ouviu “sim”.*

Acontece.

***ELA** agarra com força, com a mão direita, a nádega esquerda de **ELE**.*

ELE, por um momento, se sente constrangido; coagido, confrontado.

ELE quer encerrar o jogo, **ELA** não.

ELA segue articulando seus dedos, manipulando e como que massageando a nádega de **ELE**.
Olham-se nos olhos.

ELA tem a força revolucionária de mil multidões enfurecidas, **ELE** não.

ELA desiste da ação. Recua dois passos em relação a **ELE**.

ELE, porém, avança outros dois na direção de **ELA**.

ELA abre a boca como se fosse dizer algo a **ELE**.

ELE engole uma quantidade imensa de saliva, como se estivesse a ingerir aquilo que **ELA** apenas intencionou dizer-lhe.

ELA ergue seu joelho esquerdo, desenhando no ar um passo de tango.

Ou quem sabe um chute.

Como **ELE** não é capaz de compreender o movimento de **ELA**, nada faz.

ELA se enraivece com **ELE**: há uma quebra de protocolo aí.

ELE, como para sustentar o argumento de que infringiu a regra porque não a compreendera, ajoelha-se diante de **ELA**.

ELA acha graça, mas não vê motivo para continuarem.

ELE tenta convencê-la, puxando-lhe os cabelos com o braço direito.

ELA, então, arranca-lhe o braço.

Olham-se.

ELE não compreende a razão de tamanha violência, mas mesmo assim pede perdão a **ELA**. Diz-lhe que nunca mais fará algo parecido.

ELA tenta entender por que **ELE** insiste em seguir no jogo, mesmo com o braço decepado.

ELE não absorve a incompreensão de **ELA** e segue falando, como se falar pudesse ajudá-lo em qualquer coisa que fosse.

ELA decide prosseguir, desde que eles cheguem ao consenso de que violência não garante futuro algum para os dois.

ELE concorda. Mas logo a seguir pede a **ELA** que o mate, pois **ELE** não aguenta mais sentir a dor de ter tido o braço arrancado.

ELA se sente na obrigação de fazer algo, ainda que não saiba o quê.

ELE insiste em seu pedido, fazendo com que **ELA** se irrite.

Como atendê-lo se convencionaram há pouco que violência não seria mais uma alternativa entre eles? – é o que **ELA** procura explicar-lhe.

Mas **ELE** está convencido de que será necessário, uma última vez, quebrar a regra. Ou ao menos burlá-la.

Burlar as regras, para **ELA**, não é uma opção.

* * *

Segue o jogo.

ESSE ANO NÃO TEVE CARNAVAL

– microimagens

Uma moça passa mancando como se um dos saltos de seus sapatos estivesse quebrado, mas não está: encontra-se em perfeitas condições. Ela atravessa toda a avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro. No seu tempo. Ninguém a vê. Sigamos.

Sábado de Carnaval: uma jovem está na padaria de minissaia verde com lantejoulas, somente a parte de cima do biquíni e uma peruca azul. Ela compra pão, leite, nescau e mortadela. Sigamos.

Um jovem sob o efeito da combinação entre êxtase e MD tem a impressão de que vai morrer cedo. E todas as experiências de quase-morte que já teve na vida ocorreram durante o Carnaval. Sigamos.

Durante uma das manifestações do impeachment - digo, dos "20 centavos" - de 2013, uma moça diarista corre em direção ao ataque enfurecido da polícia para quebrar um anúncio da FIFA sobre a Copa do Mundo de 2014, apregoadado a um ponto de ônibus - porque ela está com "raiva, muita raiva". A manifestação termina em bloco na Cinelândia; a moça não pode ficar, pois tem de trabalhar de manhã bem cedo no dia seguinte e o trem até sua casa logo, logo irá sair. Sigamos.

Um menino que, no caminho até o bloco, flerta pelas ruas com todos os rapazes loiros de olhos azuis que encontra pelo caminho. Vai abater a próxima vítima:
- Where are you from?
- O quê?!
- Deixa pra lá.
Sigamos.

Uma banheira vitoriana da década de 60 é levada acima das cabeças de centenas de foliões por um grupo de homens que percorrem as ruas de Santa Teresa, bloco atrás de bloco. De tempos em tempos, uma moça é convidada (ou se autoconvida) para entrar na banheira e ser erguida acima da multidão. A cada vez que isso acontece, os foliões do entorno do evento comemoram, exultantes. Sigamos.

Lapa, às seis horas da manhã de um domingo de Carnaval: cenas de pós-guerra. Sigamos.

Cariocas nascem bambas, cariocas nascem craques, cariocas têm sotaque, cariocas são alegres, cariocas são atentos, cariocas são tão sexys, cariocas são tão claros, cariocas não gostam de sinal fechado. Sigamos.

Alguém que tenta descer do ônibus, mas cuja solicitação de parada o motorista não percebe. Os demais passageiros se mobilizam para impedir que o ônibus passe do ponto da pessoa sem que ela tenha descido. Sigamos.

Mano Brown criticando o Partido dos Trabalhadores e sendo vaiado num ato Pró-Haddad durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Sigamos.

Noite de quarta-feira: Flamengo faz 5x0 contra o Grêmio, conquistando seu lugar na final da Libertadores. Uma moça que foge do marido para ir ao programa da Fátima Bernardes na quinta pela manhã, ao terminar sua fala, manda um beijo na boca para o Gabigol. Sigamos.

Outra da Fátima: terça-feira de Carnaval, às dez da manhã. Uma médica ensina como se faz um parto - um parto - ao vivo no programa. Sigamos.

Um vendedor ambulante entra pela porta traseira do ônibus com as mercadorias que vende erguidas por um dos braços. Em dado momento, vai até a roleta, localizada na frente do ônibus, para "carimbar seu passaporte" junto ao motorista: entrega a este um saquinho de balas 7Belo sabor morango. Sigamos.

Mais uma de ônibus: quarta-feira de Cinzas, Carnaval de 2010. Um homem bêbado embarca em um coletivo lotado, que sai da Central do Brasil em direção a Cascadura. Grita, a plenos pulmões, para os demais passageiros: "BOTA A MÃO NA CABEÇA QUE VAI COMEÇAAAAAR..." Todos se atiram ao chão, da forma como podem – "O REBOLATION-TION-TION! O REBOLATION!" O homem é preso por perturbação à ordem pública e quase linchado pela população enfurecida. Em entrevista dada minutos antes de sua prisão ao RJTV 1ª edição, afirma que as pessoas "não têm mais senso de humor". Sigamos.

Noite de sexta-feira pós-Carnaval: uma pessoa é assassinada com um tiro na cabeça disparado pelo motorista de um carro que passava, numa mesa de bar posta na calçada em frente a um boteco lotado, na Lapa. A polícia vem, faz algumas perguntas aos presentes; recolhe-se o corpo, leva-se para o necrotério. Dá-se meia hora e Manoel, garçom do bar, joga um balde d'água na calçada, faz escorrer o sangue pelo bueiro e coloca outra mesa e cadeiras para que os clientes - do bar ainda lotado - possam se sentar. Numa esquina próxima, um bloco noturno de pós-Carnaval segue comendo solto.

INÉRCIA

Palco nu.

Cortina fechada.

Carregadores e contrarregras entram em cena depositando uma quantidade considerável de mobílias pelo espaço: sofá, estante com TV, tapete, mesa de centro, armários, cadeiras...

Aos poucos o espaço de representação vai se transformando na sala de estar de um apartamento classe-média localizado num grande centro urbano.

A cortina fechada do palco passa a ser a cortina fechada da sala do indivíduo morador desse apartamento. (Não faria diferença mantê-la aberta ou fechada: de frente, ver-se-ia apenas a parede dos fundos do edifício vizinho.)

Trazida toda a tralha, eis que vem carregado pelos próprios contrarregras um homem, vivo: branco, semicalvo, entre 30 e 40 anos de idade, aparência saudável, apesar de certo ar blasé.

Ele vem erguido em sua poltrona, um livro aberto no colo.

Estamos no apartamento dele.

Na mente dele.

Pânico.

eu queria ter uma ideia.

eu preciso ter uma ideia.

o que é que vou fazer hoje?

ler: pra variar.

“Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.”

– à merda, os fascistas.

eu vou ver outro.

(perde-se muito tempo dando corda pros fascismos.)

esse aqui é bom também:

“eu não existiria, sem as minhas repetições.”

– quem de nós, meu caro?

Um tempo.

Um pouco mais.

preciso comer.
que horas são?

15h30.
Abre a geladeira.

deixa pra lá.

“Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente.”

– isso é tão bonito, merece ser lido em voz alta:

“MAS A NÓS, QUE NÃO SOMOS NEM CAVALEIROS DA FÉ NEM SUPER-HOMENS [Nietzsche, será?], SÓ RESTA, POR ASSIM DIZER, TRAPACEAR COM A LÍNGUA, TRAPACEAR A LÍNGUA. ESSA TRAPAÇA SALUTAR, ESSA ESQUIVA, ESSE LOGRO MAGNÍFICO QUE PERMITE OUVIR A LÍNGUA FORA DO PODER, NO ESPLENDOR DE UMA REVOLUÇÃO PERMANENTE DA LINGUAGEM, EU A CHAMO, QUANTO A MIM: *LITERATURA*. ENTENDO POR *LITERATURA* NÃO UM CORPO-”

– fala baixo, ô! –

Tempo.

“Entendo por *literatura* não um corpo-”

Tempo.

“-não um corpo-”

Chora.

“-não um corpo ou uma sequência de obras” – NÃO!

“-nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: PRÁTICA DE ESCREVER. Nela visio portanto, essencialmente, o TEXTO, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque O TEXTO É O PRÓPRIO AFLORAR DA LÍNGUA, e porque é NO INTERIOR DA LÍNGUA QUE A LÍNGUA DEVE SER COMBATIDA, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, MAS PELO JOGO DAS PALAVRAS DE QUE ELA É O TEATROOOOO”!!!!!!

– EU VOU DESCER AÍ, HEIN! –

DESCE!

DESCE!

DESCE PRA TU VER!

DESCE PRA TU VER O QUE TE ACONTECE!

DESCE!

– eu vou chamar a polícia, hein!

Que baixaria é essa entre vocês dois?

– VÁ-TE À MERDA, HELENA! –

É, DONA HELENA, ISSO!

VÁ-TE À MERDA, VELHA DOS INFERNOS!

– Minha Nossa Senhora!

Silêncio profundo.

Decide ligar a tevê:



Desliga.

Ele não consegue respirar.

*Os carregadores e contrarregas entram em cena retirando os móveis um a um.
Por fim, retiram também o sujeito, em estado absoluto de inércia.*

* * *

O autor agradece a Roland Barthes por ter gentilmente cedido os trechos de seu texto *Aula*, dos quais ele livremente se apropria na cena acima.

(Mas isto certamente é uma mentira.)

(Não só porque Roland Barthes está morto.)

(Mas também porque, como o próprio Barthes afirma –

sempre se fará necessário

trapacear a língua.)

Evoé e axé.

* * *

Segue o jogo.

ENTREATO

Palco nu.

Um ator adentra o espaço de cena através da porta de acesso que vai dar nos camarins.

Veste-se como um Pantalone de commedia dell'arte: calça collant apertada, de um vermelho intenso; camisa de botões também vermelha subindo em gola alta, encerrando-lhe o pescoço em amplas golas brancas e largas; um sobretudo roxo-azulado que cobre seu corpo desde os cotovelos, passando pelos ombros, indo até seus pés, quase arrastando no chão; um sapato bico-fino amarelo e, na cabeça, um chapéu-coco também avermelhado.

Maquiagem quase não há, mas traça uma máscara bastante característica deste personagem: de cor dourada, cobrindo-lhe meia face (da testa até o nariz), expondo-lhe a boca, o queixo e maxilares, a fim de facilitar a articulação das falas; ilustra rugas bastante expressivas e apresenta duas amplas cavidades para os olhos - decaídas, cabisbaixas, entristecidas, como o olhar de certos velhos repletos de amargura da vida. Além disso, um nariz hediondo, grotesco, de assimilação quase fálica.

Surge esbaforido, tenso, nervoso - como se estivesse atrasado para sua "deixa" ou seu momento de entrar em cena.

A cortina do palco está fechada.

Luz de cena apagada - acesa está apenas a luz de emergência.

Plateia iluminada.

Há um único espectador presente.

Observa a cortina cerrada do palco de longe, sentado na última fileira.

O ator caminha até bem próximo da cortina, cola o seu rosto e todo o corpo nela.

Está localizado precisamente no centro da cena.

Aguarda de pé, ansioso, ainda buscando recompor-se de seu aparente atraso.

Ajeita a máscara no rosto, dá duas ou três pisadas no chão - para acomodar os pés nos sapatos e absorver pra si um pouco da firmeza do solo, da energia do espaço naquela noite -, respira fundo e se concentra.

Logo, logo, o espetáculo começa.

PÁTRIA AMADA, BRASIL

Sugiro que, para a realização desta proposta de jogo cênico, todos os intérpretes desta dramaturgia apareçam completamente nus em cena, trajados apenas com um fone de ouvido (ligado a um aparelho executor de música qualquer – celular, mp3 player, discman, etc.) e tênis para corrida. Todos e todas em cena escutam, individualmente, o Hino Nacional brasileiro (o público não, pois o som não será ambiente). E todos e todas em cena cantarão juntos. Cada um no seu tempo, ou no tempo de execução de sua faixa, se for o caso – é importante apenas que deem o play, iniciando a canção, ao mesmo tempo.

Sempre que, porventura, um indivíduo ou indivíduo errar algum trecho, palavra, sentença, conjugação verbal, concordância pronominal ou qualquer outro elemento referente à letra ou à execução melódica do Hino, esse indivíduo ou indivíduo irá “pagar uma prenda”: sugiro que esta seja correr até o fundo do palco, encostar uma de suas mãos na parede e voltar, também correndo, para o seu lugar de origem, retomando a letra de onde ela estiver sendo executada naquele momento da volta.

Se ficar ruim, inventa outra coisa.

ESSE ANO NÃO TEVE CARNAVAL

– vozes da rua *feat.* jogo das ofensas

Para a realização cênica deste jogo, proponho que todos os intérpretes desta dramaturgia apareçam em cena vestidos com muitas peças de roupas, o máximo possível, desde que isso não resulte antinatural. Eles caminharão o tempo inteiro pelo palco variando ritmo, velocidade e direção de seus passos, enquanto ouvirão, num som ambiente, as frases e declarações sentenciadas pelas diversas vozes que comporão o bloco.

*Pois bem. Sempre que uma **MENINA**, ou seja, indivíduo que se identifique prioritariamente, em termos binários, com o sexo feminino, se sentir pessoalmente ofendida ou agredida com o que proclama ou sentença qualquer uma das vozes, ela tem o direito de arrancar uma peça de roupa de um **MENINO**, ou seja, indivíduo que se reconheça majoritariamente como pertencente, em termos binários, ao sexo masculino. E vice-versa: sempre que um **MENINO** se sentir pessoalmente ofendido ou agredido com o que proclama ou sentença qualquer uma das vozes, ele tem o direito de arrancar uma peça de roupa de uma **MENINA**.*

Ganha o jogo o indivíduo ou indivíduo que primeiro ficar completamente nu/a, ainda que as vozes não tenham se calado.

Eis as vozes:

OLHA O LATÃO, OLHA O LATÃO!

Se tu não pegar eu pego, hein.

Uma sede danada. Não vai tocar funk, não?

Gostosa.

Pega o ladrão, pega!

Onde houver uma tradição de
organização (arte), introduza desordem.

Onde houver uma tradição de
desorganização (sociedade mundial),
introduza ordem.

CRACUDINHA TRÊS A DEZ AQUI, Ó!

How beautiful could a being be?

Putá merda, roubaram meu celular.

Cachaça não é água, não.

Sabeis qual hé a mor dificuldade que lhes acho? Serem
tam faciles de diserem a tudo si ou pá,
ou como vós quiserdes; tudo aprovão logo,
e com a mesma facilidade
com que dizem *pá*, dizem *aani...*

O mundo só se tornará um lugar melhor no dia em que
detonarmos todas as máquinas de

Coca-Cola existentes. Com requintes de crueldade.

Difícil mesmo,

como disse Heisenberg,

será viver em um mundo sem Coca-Cola. **Disse a ela que seria muito improvável que**

algo desse gênero acontecesse. Mas aí aconteceu.

Pede uma água ali pra mim porque tá osso.

BRISADEIRO, BRISADEIRO!

- tá maluca, garota? -

- *ih, foi mal...* -

brísadeiro, brísadeirooo!...

Nunca fomos catequizados.

Fizemos foi Templo de Salomão.

**Agora eu tento convencê-la de que é muito provável que um dia
voltemos ao normal. Por enquanto ela não acredita.**

SACOLÉ DA FRUTA, SACOLÉ DA FRUTA!

- Lá se foi uma garrafa de catuaba.

- Meu filho, não são nem dez da manhã.

Eu tomo uma Coca-Cola,

ela pensa em casamento.

A luta entre o que se chamaria INCRIADO
e a CRIATURA-ILUSTRADA pela contradição

permanente do HOMEM e o seu TABU.

O AMOR QUOTIDIANO É O MODUS-VIVENDI CAPITALISTA.

Antropofagia.

Absorção do inimigo

sacro. Para transformá-lo em totem.

A humana aventura.

A terrena finalidade.

Porém, só as puras elites

conseguiram realizar a antropofagia carnal, que

traz em si

o mais alto

sentido da vida e

evita todos os males

identificados por Freud, males

catequistas. O que se dá não é uma sublimação

do instinto sexual. É a escala

termométrica

do instinto antropofágico. De carnal,

ele se torna

eletivo

e cria a amizade.

Afetivo, o amor.

Especulativo, a ciência.

DESVIA-SE E TRANSFERE-SE.

Chegamos ao

aviltamento. A baixa antropofagia
aglomerada nos pecados de
catecismo – a inveja,
a usura, a calúnia, O ASSASSINATO.
Peste dos chamados povos cultos
e cristianizados, é contra ela que estamos agindo.
ANTROPÓFAGOS.

ÁGUA É DOIS, ÁGUA É DOIS!

O conflito

não estará entre pessoas e pessoas mas
entre pessoas e coisas. Neste
conflito vamos tentar regular as coisas de forma que
o resultado, como em filosofia, nunca
seja decisivo. Trate os pinheiros, por
exemplo, como entidades que têm ao
menos uma chance de vencer. Um tiroteio no

Complexo do Alemão causou a
morte de um homem suspeito
de envolvimento com o tráfico de drogas. Um

policial foi baleado e levado

para o Hospital Getúlio Vargas,
que fica perto da

comunidade. Moradores identificaram
o fechamento de pelo menos 14 escolas na região

por causa da troca de tiros. **BARBÁRIE. SELVAGERIA.**

Quem é, quem é, quem é?

Me diga você que estudou filosofia

Quem é que agora está

Fazendo tanto medo na cabeça do século?

Lança-perfume.

As pessoas voltaram a pensar em suicídio

com a trivialidade de

quem vai à padaria comprar

pães, manteiga e ovos

para o café da manhã. Será que ano que vem teremos

eleições? A marca fundamental

dessa relação é o conflito. E

olhar o mundo dessa perspectiva não

oferece muitas aberturas, não

apresenta muitas rotas para caminhar. Eu me neguei muito cedo

a ficar observando as janelas só como se

fossem rotas de fuga. Eu não

queria tomá-las desse modo, mas queria eleger algumas

dessas saídas como uma possibilidade criativa de interação

com o que viesse pela frente. Em vez de o mundo

ser só fechadura e
impossibilidade, em vez de ele ser
cheio de trancas, ele passa
a ser cheio de janelas. Essas janelas
todas vão ganhando um sinal
positivo, de possibilidade de troca. Então
aliança na verdade é um outro termo para
troca.
Ô de marré, de-marré-de-ci
Quem é que empresta
Um travesseiro pra cabeça do século?...

Anarquia.
Anticonstitucionalissimamente.
Vem cá: esse bloco não vai sair do lugar, não?

Uma bicicleta?

Mas não era um bloco?

CADÊ A BATERIA?

Fico aliás pensando

que talvez seja nisso que
consiste realmente o sentimento de pertencer
a uma nação: ter motivos todos
próprios para se
envergonhar, tão próprios quanto (senão mais que)
os sempre
lembrados motivos de se orgulhar. Isso quando
os ditos 'motivos' não são, como suspeito que
quase sempre são, os mesmos motivos. Todo
orgulho confessa uma vergonha.
E toda vergonha clama por um (a)pagamento.

FORA TEMER. (DEBAIXO DA CAMA)

Se você fosse sincera,

ô-ô-ôô...

É LATÃO GELADO AQUI, É LATÃO, Ó!

Só a antropofagia nos une. Socialmente.

Economicamente. Filosoficamente.

Uma vem do alambique, a outra

vem do ribeirão.

Mas que calor, meu Deus!

- A menina tá passando mal aqui, ó! -

a poesia

do *bricolage* lhe advém,

também e sobretudo, do fato de que não se limita a cumprir ou

executar, ele não 'fala' apenas com as coisas, como já demonstramos, mas
também através das coisas: narrando, através das escolhas que faz entre
possíveis limitados,
o caráter e a vida do seu autor. Sem jamais completar
seu projeto, o *bricoleur* sempre coloca nele
alguma coisa de si.

Ou seja,
a inescapável presença da *intencionalidade* e da *subjetividade*.

*Minha espingarda não atira nesse tipo de
passarinho, não.*

USUÁRIO DE CRACK TEM MAIS
VALOR DO QUE
USUÁRIO DE IPHONE.

No Pão-de-Açúcar

De cada dia Dai-nos, Senhor
A poesia
De cada dia.

~~Matáru mais um.~~ Depois desse, a gente vai
pra qual?
Roupas para entretenimento, não
por causa da vergonha. A privatividade
deve se tornar uma experiência rara, não
esperada. Dada a desinfecção e
a sanitização, remoção das preocupações sociais com
a defecção e a micção. Sem
autoconsciência. Viver como animais,
tornarmo-nos tocáveis. **Bárbara disse que ouvira
que a situação
política em algum país da América do Sul
sendo o que é (bizarra, desonesta e
sem significado)**, um gorila do zoológico foi
indicado e eleito Presidente. Só o terror nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente. (Bispo Edir
Macedo, com medo do futuro)
Faltava pouco pra Helena virar sapatão
mesmo. Só
namorava aquelas figuras derruidas
de
homens.
OLHA O MICHAEL DOUGLAS!
SEGURA O MICHAEL DOUGLAS!
*Que mara-mara-mara-
maravilha-ê!*

RIO É RUA.
a gente destas terras é a mais

bruta, a mais ingrata, a
mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa
de ensinar de quantas há no mundo;
outros gentios são incrédulos até crer; os brasis,
ainda depois de crer, são incrédulos

Ser rato não é rataria.

Malandro é o gato, que
já nasce com
bigode.

Tô com vontade de fazer xixi!

Segura minha cerveja

Cariocas são tão sexys Cariocas
são tão claros

Cariocas não gostam de
sinal fechado

Quem se atreve a me

dizer do que é feito o

samba?

Não tem banheiro público nessa
merda.

Carioca é igual barata: começou
a época de calor e ele
já tá na

rua.

Paiz de mestiços onde o branco

não tem força para organizar uma

Kux-Klan, é

paiz perdido para altos destinos. André Sigfried

resume numa phrase as duas attitudes. 'Nós

defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças

a nós

que os Estados Unidos não se tornaram um segundo

Brazil'. Um dia se fará justiça

ao Kux-Klan;

tivéssemos ahi uma defeza desta

ordem, que mantém o negro no seu

lugar, e estaríamos hoje livres da

peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo o jogo do

gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem

do negro destróe a

capacidade

constructiva.

Tem trocado, não? Troca
cinqüenta aí pra
mim.

coloca essa bolsa pra frente.

Muitas vezes, se diz que são

necessárias

políticas de proteção à mulher porque,

dizem,

elas são vulneráveis.

Guarda esse
celular.

Mas isso não é verdade, porque elas

são mais fortes e

melhores do que os homens. Por que são

melhores do que

nós?

Se eu morrer me enterra. Mas na quarta!

O problema não é

morrer, o

problema é passar mal.

Ele tá chapado, mas continua

sendo um babaca.

melhor surra de mãe agora do que surra da vida mais tarde

É necessário que a população compreenda

a gravidade do golpe em

curso.

Talvez porque nós, homens, somos intimidados e, por

conta dessa

intimidação,

nós, homens, recorreremos à violência para firmar uma

pretensa superioridade

que não

existe.

* * *

Segue o jogo.

JOGO DOS ESPELHOS

– uma vida em troca de outra

Não, nunca foi uma opção.

*O que caracteriza **ELA**, em grande medida, são a firmeza e coerência com que embasa e sustém suas decisões.*

*Mas o que **ELE** quer não está pautado em firmeza, coerência ou integridade de caráter - é o que **ELE** tenta explicar a **ELA**; mas sim, num puro e simples ato de humanidade: o que **ELE** solicita de **ELA** é clemência, nada mais.*

***ELA** não seria capaz de abstrair, por um instante que fosse, as regras do jogo por clemência? para promover um ato de humanidade?*

*Aos poucos, **ELA** parece querer ceder às insistentes súplicas de **ELE**.*

*Mas com uma condição: que **ELE** a deixe partir, encerrando assim o jogo entre eles.*

*Essa nem sequer é uma possibilidade para **ELE**, que exige que **ELA** pense em qualquer outra alternativa, menos nessa.*

***ELA** se vê então numa difícil encruzilhada: matá-lo e ser livre; ou mantê-lo vivo e permanecer sua refém.*

*Mas não há tempo para indecisões: **ELE** agora sangra abundantemente e morrerá de qualquer jeito, com ou sem o auxílio de **ELA** (algo que **ELA** rapidamente percebe).*

***ELA** propõe então um novo acordo: recolocar o braço de **ELE** no seu devido lugar – desde que **ELE** a ofereça, no futuro, a possibilidade de seguir ou não no jogo.*

***ELE** reflete sobre isso.*

E, enfim, concorda.

***ELA** reimplanta o braço de **ELE**, que agradece a gentileza e elogia o seu trabalho, dizendo-lhe que ficou até melhor do que antes.*

***ELA** fica contente com o elogio.*

*E pergunta a **ELE** se, um dia, poderá enfim ser livre.*

***ELE** apenas a observa.*

A cortina se abre abruptamente.

JOGO DAS 608.149 VIDAS

*Para a execução deste último jogo, propõe-se que o casal da cena anterior, **ELE e ELA** permaneçam no palco. Seguem se encarando de frente, apenas sustentando o olhar.*

De repente, inicia-se um duelo.

ELE e ELA virarão as costas um para o outro.

Caminharão pelo palco lentamente, em linha reta, afastando-se um do outro a pouco e pouco. Clima tenso.

Em algum momento da caminhada, a luz de cena piscará rapidamente (curto black out).

*Quando isso acontecer, os dois intérpretes estarão livres para “atirar”: poderão virar-se um contra o outro e disparar seu “**e daí?**”*

*O intérprete que conseguir virar todo o seu corpo e falar primeiro “**e daí?**” terá então assassinado seu adversário, que cairá, literalmente, morto em cena.*

Este, por sua vez, logo a seguir será substituído por outro intérprete, vindo dos bastidores (seu corpo permanecerá estendido no chão).

O duelo então recomeçará – da exata mesma forma como se dera o anterior.

*Aquele ou aquela que, sempre que a luz de cena piscar, primeiro conseguir reorientar todo o seu corpo na direção de seu adversário e disparar, antes deste, seu “**e daí?**” terá matado o rival e conquistado seu direito de permanecer no jogo.*

O assassinado será sumariamente descartado e substituído por outro intérprete, sem direito à apelação (seu corpo restará exposto, jazendo à luz da cena).

Com o tempo, uma pilha de cadáveres não recolhidos se acumulará no palco.

Esse mecanismo poderá se repetir por até seiscentas e oito mil, cento e quarenta e nove vezes.

Ou talvez se encerrar – no exato instante em que os intérpretes compreenderem que já não é mais possível viver sob essas condições.

EPÍLOGO

Palco nu.

Um ator entra em cena através da porta de acesso que vai dar nos camarins.

Veste-se de forma “neutra”, como se estivesse chegando - ou saindo de - um ensaio: calça de moletom preta e camisa de algodão branca.

Está descalço e não traz nenhum acessório preso a seu corpo (pulseiras, brincos, cordões, anéis, piercings, relógio, etc.).

Também não há nenhuma maquiagem em seu rosto: face imberbe, lavada, lívida e lúcida.

Ele está calmo, pulsação e frequência cardíaca normais, não sente fome, sede nem vontade de fazer xixi.

A cortina está, enfim, aberta.

Luz de cena acesa, sobretudo as ribaltas da frente.

Todo o palco se ilumina.

Plateia, igualmente em claro.

Há espectadores na audiência - quinze ou vinte, esparsos, mascarados.

Talvez um tanto tímidos, acabrunhados - receosos.

Mas ali, presentes.

O ator caminha livremente pelo tablado.

Dirige-se para o centro da cena.

Lá, muito precisamente, se posta.

Encara o seu público.

Nos olhos.

Abaixa-se de um jato até o chão, encosta brevemente neste a palma da mão direita e beija-a, fazendo por três vezes o sinal-da-cruz.

Fecha os olhos, respira fundo e se concentra.

Assim que os abre, sussurra baixinho, de um modo que somente ele consiga ouvir: “merda”.

E dá um passo à frente.

o fim